

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

PESQUISA QUALITATIVA EM MUSICOLOGIA HISTÓRICA: IMPORTÂNCIA DE
INFORMAÇÕES SECUNDÁRIAS REVELADAS EM ENTREVISTAS REALIZADAS
PELO AUTOR ENTRE 1990-2000

Álvaro Carlini *

RESUMO: Em entrevistas efetuadas entre 1990-2000 observou-se a presença de diversas informações significantes para a melhor compreensão de aspectos da história da música no Brasil, em particular, a do século XX. Neste artigo são apresentados trechos ainda inéditos de entrevistas, atualmente reconsiderados em sua importância histórica. São excertos de algumas das entrevistas realizadas por mim naquele período que revelam aspectos relacionados a: José Bento Faria Ferraz (1912-2005), ex-secretário particular de Mário de Andrade; dados sobre a presença de músicos profissionais na implantação da Antroposofia no Brasil; e informações relacionadas às orquestras de cinemas mudos no Estado de São Paulo, referências de atuação para músicos instrumentistas até fins da década de 1920. Pretende-se, dessa maneira, colaborar no estudo de áreas da Musicologia Histórica, promovendo a ampliação temática de pesquisas acadêmicas nesta área.

PALAVRAS-CHAVE: *Entrevistas (pesquisa qualitativa); Musicologia Histórica; Brasil século XX.*

INTRODUÇÃO

Na verdade, a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma em um documento semelhante a qualquer outro texto escrito, diante do qual se encontra um estudioso e que, ao ser fabricado, não seguiu forçosamente as injunções do pesquisador; [...] foram redigidos com intenções que nada tinham a ver com a pesquisa que se decidiu fazer; e não é por esta razão que devam ser afastados como menos úteis. [...] Assim, diante destas considerações, o escrúpulo em relação aos recortes das histórias orais e à sua utilização parcial se afigura nitidamente como um falso problema.¹

Entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas, efetuadas com um respondente ou com grupo de respondentes, foram realizadas por mim desde 1985. Porém, foi somente quando ingressei na pós-graduação junto ao Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), em 1990, que passei a me dedicar com mais intensidade aos registros fonográficos de História Oral, efetuando entrevistas com um único respondente. Desde então, gravei sistematicamente em fitas-cassetes as conversas que mantive com personalidades da área da Música, em particular, com aquelas que se relacionavam direta ou indiretamente com os universos temáticos então investigados, a saber:

* Universidade Federal do Paraná, Departamento de Artes, Curitiba, Paraná.

¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*, São Paulo: T.A. Queiroz, 1991. [Biblioteca básica de ciências sociais. Série 2. vol.7]. pp.4-5.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

a) durante o Mestrado, realizado entre 1990-1994, o pensamento musical de Mário de Andrade (1893-1945) e as atividades do *Departamento de Cultura de São Paulo*, criado em 1935; a *Discoteca Pública Municipal de São Paulo*, também criada em 1935, e as atividades de sua primeira diretora, a musicóloga mineira Oneyda Alvarenga (1911-1984); e, mais especificamente, os antecedentes e o cotidiano da Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938, expedição etnográfica pioneira no Brasil, através dos diários de viagem redigidos pelo chefe daquela equipe, o arquiteto e engenheiro paulista Luiz Saia (1911-1975);

b) durante o Doutorado, realizado entre 1995-2000, a biografia do maestro auto-brasileiro Martin Braunwieser (1901-1991), suas atividades artísticas e pedagógicas em São Paulo, e, em especial, a sua participação na Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938, na qualidade de Músico responsável pelas gravações fonográficas efetuadas por aquela equipe etnográfica. Os estudos do doutoramento foram realizados principalmente mediante análises efetuadas a partir de diário de viagem de Martin Braunwieser e das correspondências mantidas com sua família durante aquele primeiro semestre de 1938, documentos considerados fontes primárias para aquela investigação.²

Assim, com um amplo universo de pesquisa acadêmica, cuja abundância de fontes primárias era notável - já que o acervo histórico da Discoteca Pública Municipal de São Paulo,³ consultado durante o Mestrado, reúne grande quantidade de informações, constituído por fontes escritas, sonoras e imagéticas de diferentes naturezas e registrados em suportes variados, e, considerando a imensidão de documentos pessoais e demais registros escritos e imagéticos relacionados às atividades de Martin Braunwieser na capital paulista, consultados durante o Doutorado - optei, desde o princípio, por considerar entrevistas e depoimentos como procedimento auxiliar para a obtenção e/ou confirmação de informações. Realizei entrevistas com personalidades do mundo musical de São Paulo, vinculados de alguma maneira à esses universos temáticos então investigados, atuantes durante as décadas de 1940-1970, principalmente na capital paulistana, e também com seus familiares e amigos a eles relacionados, buscando complementar as informações obtidas em fontes primárias. Dessa maneira, entrevistas foram consideradas procedimentos auxiliares às pesquisas acadêmicas realizadas durante o período da minha pós-graduação.

Em termos práticos, a análise e interpretação exigem tempo e esforço e não existe aqui um método que seja o melhor. Na essência, elas implicam na imersão do próprio pesquisador no corpus do texto. [...] Ao ler as transcrições, são lembrados aspectos das entrevistas que vão além das palavras e o pesquisador quase que revive a entrevista. [...] A análise não é um processo puramente mecânico. Ela depende de intuições criativas, que podem muito bem ocorrer quando o pesquisador está falando com um amigo ou colega, ou naqueles momentos de reflexão ao dirigir, caminhar ou tomando um banho. À medida que a interpretação vai se processando, retorne ao material bruto, tanto para as transcrições quanto para as gravações. Algumas vezes, um único comentário assumirá repentinamente um significado importante e irá sugerir um novo modo de olhar para as entrevistas [...] ⁴

² Os textos de minha dissertação de Mestrado e da tese de Doutorado podem ser acessados livremente no site <http://www.alvarocarlini.pop.com.br>

³ Atualmente, o acervo da antiga Discoteca Pública Municipal de São Paulo está localizado no Centro Cultural São Paulo, junto à Discoteca Oneyda Alvarenga, na capital paulistana.

⁴ BAUER, Martin; GASKELL, George - *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, Petrópolis: Vozes, 2002. p. 85-86.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

Após as transcrições das entrevistas e da utilização parcial dos resultados em meus trabalhos acadêmicos, as fitas-cassetes registradas durante aquele período, entre 1990-2000, foram processadas em recursos técnicos mais atualizados e transformadas em registros digitais. Assim, durante os anos de 2004-2005, foram efetuadas regravações daquelas entrevistas, agora em formato *wma* ou em *mp3*, e seus conteúdos armazenados em *compact disc* (Cd). Tal procedimento renovou o interesse por aqueles registros e viabilizou uma nova audição daqueles documentos sonoros. Após as primeiras audições sobreveio a constatação de que conteúdos registrados em áudio apresentavam dados bastante importantes, informações desconsideradas por mim no período da pós-graduação, devido à ampla dimensão do estudo proposto, dados esses ainda inéditos como tópicos principais de pesquisas acadêmicas na área de Musicologia Histórica no Brasil.

1 ENTREVISTAS REALIZADAS ENTRE 1990-1994

Durante o período do Mestrado (1990-1994),⁵ realizei entrevistas com personalidades relacionadas à antiga Discoteca Pública Municipal de São Paulo e à expedição etnográfica coordenada por esta Instituição em 1938, a Missão de Pesquisas Folclóricas. A Missão foi uma expedição etnográfica pioneira idealizada por Mário de Andrade, que viajou durante cinco meses e meio pelo Norte e Nordeste do País com o objetivo de gravar manifestações musicais populares em discos 78 rotações. A equipe era formada por quatro especialistas indicados por Mário de Andrade: **Luiz Saia**, chefe da expedição, arquiteto e engenheiro; **Martin Braunwieser**, o músico responsável pelas gravações; **Benedito Pacheco**, técnico do aparelho gravador *Presto Recorder* e **Antônio Ladeira**, auxiliar de pesquisa. A equipe da Missão percorreu seis Estados brasileiros: Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará. Além do registro em filmes cinematográficos, fotografias e da coleta de vasta coleção de objetos ritualísticos, a Missão gravou cerca de 1500 melodias folclóricas distribuídas em discos de acetato com diversas dimensões. Após o retorno a São Paulo, todo o acervo coletado e registrado pela equipe foi incorporado à Discoteca Pública Municipal, sob os cuidados de sua diretora Oneyda Alvarenga.

No Mestrado, destacaram-se as conversas registradas que mantive com o maestro Martin Braunwieser (1901-1991), em 1988 e 1990, cujo conteúdo já foi objeto de estudo acadêmico e de divulgação científica e não será considerado no presente artigo,⁶ e a entrevista com José Bento Faria Ferraz (1912-2005), ex-secretário particular de Mário de Andrade e antigo funcionário da Discoteca Pública Municipal de São Paulo. As entrevistas com Martin Braunwieser foram acompanhadas ora por colega meu de profissão, ora por membro da família do maestro. Já a conversa registrada com José Bento Faria Ferraz foi realizada apenas por mim.

⁵ CARLINI, Álvaro. *Cante lá que gravam cá: Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938*. São Paulo, 1994. [Dissertação - Mestrado - FFLCH / USP]. 467p.

⁶ Vide, por exemplo, CARLINI, Álvaro. Sessenta anos da Missão de Pesquisas Folclóricas (1938-1998): conversas com Martin Braunwieser, IN *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Musicologia*, 21-25 janeiro 1998, Curitiba (PR): Fundação Cultural de Curitiba, 1999. pp.333-348. (Também disponível no site disponível em <http://www.alvarocarlini.pop.com.br>)

1.1 Entrevista com José Bento Faria Ferraz

A entrevista com José Bento Faria Ferraz, ex-secretário particular de Mário de Andrade, foi realizada no dia 4 de setembro de 1992, em sua residência na capital paulistana. Na oportunidade, procurava conhecer mais detalhes de sua vida e de sua relação com a Discoteca Pública Municipal de São Paulo, já que, segundo levantamento anterior efetuado em documentação primária à pesquisa, ele foi um dos primeiros funcionários daquela instituição, responsabilizando-se, por solitação direta de Mário de Andrade e de Oneyda Alvarenga, pelos encaminhamentos burocráticos relacionados à realização da Missão de Pesquisas Folclóricas, objeto principal de minha dissertação acadêmica. José Bento Faria Ferraz nasceu em Pouso Alegre, Minas Gerais, em 30 de outubro de 1912 e faleceu em 17 de março de 2005, em São Paulo. Durante onze anos, entre 1934-1945, foi secretário particular de Mário de Andrade, trabalhando com o escritor até o dia anterior ao seu falecimento, ocorrido em 25 de fevereiro de 1945. Em sua extensa carreira como funcionário público, José Bento Faria Ferraz atuou pelo Departamento de Cultura de São Paulo, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Teve ainda destacada participação como professor da Escola de Artes Plásticas de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, entre os anos de 1960-1970. Articulista de diversos jornais e revistas, deixou significativa contribuição como ensaísta, poeta, cronista e historiador, ainda por ser melhor conhecida, estudada academicamente e, posteriormente, divulgada em meios científicos competentes:

[...] até conhecer o Mário de Andrade. Aí ele me convidou, um dia, no final da aula, falou: Zé Bento, não saia correndo atrás que eu quero falar com você. Então, eu fiquei. Três casas acima do Conservatório [Dramático e Musical de São Paulo], era o restaurante Carlino. [...] Fomos lá e então ele falou: você já jantou? Eu falei: já. Mentira, eu não tinha jantado nada. Então ele me convidou para sentar-se e enquanto estávamos jantando qualquer coisa, e ele falou: olha, Zé Bento, o negócio é o seguinte: a minha irmã vai se casar, a Lourdes, e é ela quem cuida das minhas coisas e eu vou ficar sem ninguém para isso. Você toparia ser meu secretário? Olha, Carlino... eu quase mijei nas calças de tanto alegria... Como? Eu? -É, você. É... E isso foi mais ou menos em [19]34, um pouco antes [da criação do] Departamento [de Cultura de São Paulo]. Então, o Mário de Andrade disse: olha, daqui uns dois meses eu te chamo. Mas tem um detalhe: eu não posso pagar muito. Você irá trabalhar três horas por dia. Eu disse: está ótimo! Eu já estava trabalhando, tinha três empregos já, trabalhava o dia todo. Então eu falei: topo, não tem problema não. Aí, de fato, dois meses depois ele me chamou, me explicou direitinho o que queria que eu fizesse; me apresentou aquela vasta biblioteca que ele tinha na [casa da] rua Lopes Chaves, que, aliás, foi um pecado destruírem aquilo... Você avalie só: foram capazes de preservar a casa de Guilherme de Almeida, mas [a casa d]a Lopes Chaves não conservaram; ela está completamente adulterada, completamente diferente. Mas, enfim, sei que com o Mário de Andrade eu trabalhei entre [19]34 a [19]45, durante onze anos eu trabalhei com ele. Fiquei trabalhando até a morte dele, [em 1945], até mesmo no sábado... Como eu não tinha telefone, morava n[o bairro d]a Vila Mariana e não tinha telefone, ele teve o um enfarte às 23h [de sábado] se não me engano, e esse foi o primeiro enfarte, e o segundo enfarte às cinco e meia da manhã, já era domingo, madrugada de sábado para domingo, quase domingo de manhã. Aí, o Sílvio Alvarenga, marido da Oneyda, foi em minha casa me avisar: Bento, o Mário não está passando bem, então vamos lá ver ele.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

Fiquei muito preocupado e fui com ele, mas quando chegamos o Mário já estava morto [...]⁷

Em outro trecho dessa conversa, José Bento Faria Ferraz recordou-se de um dos seus trabalhos à frente do IPHAN, lembrando-se também do convite que recebeu para assumir, juntamente com o arquiteto engenheiro Luiz Saia (1911-1975), a coordenação da Sexta Região desta Instituição, relacionada ao Estado de São Paulo. Na entrevista realizada em 1992, José Bento reafirmou a sua colaboração na pesquisa para a elaboração de estudos relacionados ao padre e músico Jesuíno de Monte Carmelo (1764-1819), da cidade de Itu, São Paulo, estudos redigidos e publicados posteriormente por Mário de Andrade, em 1944,⁸ através do IPHAN, e reeditados em 1963, pela Editora Martins Fontes, de São Paulo.⁹ Tal colaboração, ainda não suficientemente valorizada pelos musicólogos, vem redimensionar a atuação de José Bento Faria Ferraz para a Musicologia Histórica no Brasil, merecendo estudos mais aprofundados nesse sentido:

[...] Então eu e o [Luiz] Saia fomos os instaladores da Sexta Região do [Serviço de] Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que é aqui em São Paulo. Aí, eu fiz um curso de Arquivologista no Rio de Janeiro, o Dasf, e nessas condições, trabalhei em São Paulo, no Patrimônio, de [19]41 até [19]51, dez anos. E foi nesse tempo que eu fiz a pesquisa na Ordem Terceira do Carmo para o Mário de Andrade escrever sobre o Jesuíno [do Monte Carmelo] [...]¹⁰

2 ENTREVISTAS ENTRE 1995-2000

As entrevistas realizadas durante o doutorado (1995-2000)¹¹ foram reveladoras de alguns aspectos significantes relacionados ao mundo musical brasileiro da 1ª metade do século XX. Todas essas entrevistas tiveram como temática principal aspectos da personalidade, da biografia e das atividades desenvolvidas pelo maestro austro-brasileiro Martin Braunwieser (1901-1991). Seus resultados, nesse sentido, revelaram e colaboraram para a confirmação de uma das principais hipóteses levantadas em meu doutoramento relacionadas à participação do maestro na viagem da Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938, a saber, de seu ‘esquecimento’ no processamento dos informes coletados por aquela equipe etnográfica. Assim, de acordo com a pesquisa de então, foi devido ao excesso de precaução de Oneyda Alvarenga, que, naquela época de conflitos mundiais, considerou inadequada a participação de Martin Braunwieser no projeto de transcrição musical das manifestações folclóricas registradas pela Missão, devido ao fato de ele ser austríaco de

⁷ Entrevista com José Bento Faria Ferraz concedida a Álvaro Carlini, registrada em áudio, realizada em 4 de setembro de 1992. Transcrição do autor em agosto de 2006.

⁸ ANDRADE Mário de. Padre Jesuíno do Monte Carmelo, IN *Revista do IPHAN*, n. 14, edição MES, Rio de Janeiro, 1944.

⁹ ANDRADE, Mario de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, São Paulo: Martins, 1963.

¹⁰ Entrevista com José Bento Faria Ferraz concedida a Álvaro Carlini, registrada em áudio, realizada em 4 de setembro de 1992. Transcrição do autor em agosto de 2006.

¹¹ CARLINI, Álvaro. *A viagem na viagem: maestro Martin Braunwieser na Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura de São Paulo (1938) - diário e correspondências à família*. São Paulo, 2000. [Tese - Doutorado - FFLCH / USP]. 511p.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

nascimento, e, portanto, de origem germânica. Tal excesso de zelo por parte da chefe de Discoteca Pública Municipal deveu-se particularmente aos contextos sócio-políticos pouco favoráveis relacionados aos imigrantes europeus em solo brasileiro após o término da II Guerra Mundial, em 1945, que determinou, como se sabe, período de grandes dificuldades para estrangeiros no Brasil. Além disso, somou-se àquele contexto, o fato de Mário de Andrade ter falecido em princípios de fevereiro de 1945, provocando um acentuado empenho de seus principais discípulos em prestar-lhe suas últimas homenagens através de publicações especializadas, como foi o caso, por exemplo, da própria Oneyda Alvarenga e de seu estudo intitulado *Sonora política*, publicado na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* de fevereiro de 1946.¹² Assim, a chefe da Discoteca Pública Municipal de São Paulo, na ocasião que teve para contratar o especialista para processar as transcrições musicais, em 1945, após a liberação de verba específica para o trabalho por parte da Prefeitura de São Paulo, ao invés de convocar o maestro Martin Braunwieser, integrante e responsável principal pelas gravações efetuadas pela Missão de 1938, convidou o compositor Camargo Guarnieri (1907-1993) para a consecução da tarefa. As causas e conseqüências de tal procedimento de Oneyda Alvarenga estão largamente discutidas em minha tese de Doutorado.¹³

As entrevistas realizadas nessa fase da pós-graduação, a de doutoramento, entre 1995-2000, foram efetuadas com amigos pessoais de Martin Braunwieser e de sua esposa Tatiana (como a pianista Lavínia Abranches Viotti), com colegas de profissão do maestro (como o flautista João Dias Carrasqueira e com Hans Joachim Koellreutter) e com familiares do casal Braunwieser (como sua cunhada Rina Calzavara Kipman). As informações consideradas primárias e importantes obtidas nessas entrevistas foram, como afirmado anteriormente, analisadas em minha tese acadêmica. No entanto, outras informações também importantes e, naquela etapa da pesquisa, consideradas secundárias, surgiram naquelas conversas registradas que mantive, merecendo investigações mais aprofundadas, podendo colaborar para a ampliação temática de estudos acadêmicos para a Musicologia Histórica no Brasil. Elas estão relacionadas à Antroposofia, ao processo inicial de seu estabelecimento no Brasil que contou com a participação de músicos estrangeiros e brasileiros, residentes em território nacional, em especial, na capital paulistana; à prisão de do compositor Hans Joachim Koellreutter, em fins da década de 1940, no extinto *Departamento de Ordem Política e Social* (DOPS), e à melhor compreensão de sua importância como implantador do sistema dodecafônico musical no Brasil; e às orquestras de cinema mudo, sobre as suas constituições e atuações musicais, como ocorreu nos casos de João Dias Carrasqueira, flautista e compositor paulista, e com Rina Calzavara Kipman, esposa do maestro russo Demétrio Kipman, cunhado de Martin Braunwieser. Nesse artigo tais informações serão apenas e tão somente indicadas, pois escapa ao meu propósito neste momento a análise e a compreensão aprofundada de tais dados. Minha intenção aqui, como já frisado, pauta-se mais com a necessidade de ampliação temática dos estudos relacionados à área de Musicologia Histórica, no Brasil.

¹² cf. ALVARENGA, Oneyda. *Sonora política* In: *Revista do Arquivo Municipal*, vol. 56, Ano XII, jan.1946. pp.7-44.

¹³ Na conclusão de minha tese de doutoramento (2000), no 4º capítulo do trabalho, pp.380-439, intitulado *O esquecimento de Martin Braunwieser e da Missão*, analiso tais aspectos com maior profundidade. Vide <http://www.alvarocarlini.pop.com.br>.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

2.1 Entrevista com Lavínia Abranches Viotti

Assim, em entrevista com Lavínia Abranches Viotti (1908-2001), pianista paulistana, colaboradora da *Sociedade Bach de São Paulo* (1935-1977)¹⁴ desde a sua criação, amiga íntima de Tatiana, esposa de Martin Braunwieser, levantou-se alguns aspectos secundários relacionados ao casamento de Lavínia Abranches Viotti realizado com o maestro Camargo Guarnieri, com quem teve um único filho, e ao processo de separação judicial em plena década de 1930, incluindo o fato de ela voltar a utilizar o seu nome de batismo e as conseqüências profissionais advindas desse ato. Mas o aspecto que ora se aborda relaciona-se à fase de implantação da Antroposofia no País. De acordo com informações extraídas do sítio eletrônico pertencente à *Sociedade de Antroposofia* no Brasil, Antroposofia significa

[...] do grego, conhecimento do ser humano, [sendo] estabelecida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, pode[ndo] ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana [...].¹⁵

No Brasil, particularmente na capital paulistana, o início da *Sociedade Antroposófica* deu-se

[...] já na época de [Rudolf] Steiner [1861-1925] [quando] alguns imigrantes europeus trouxeram o estudo e cultivo da Antroposofia para o Brasil. Antes da 2a. guerra mundial, a Sra. Lavínia Viotti fez a primeira tradução de um livro de Steiner, 'Como se Adquirem Conhecimentos dos Mundos Superiores'. Em 1939, já havia Ramos da Sociedade em São Paulo, no Rio e em Porto Alegre. Todo o trabalho naquela época era feito ainda em alemão. Infelizmente, o grande desenvolvimento deu-se só em S.Paulo, que continua tendo a maioria dos antropósofos e a maioria das iniciativas no Brasil. Em S.Paulo havia grupos de estudo dirigidos por Tatiana Braunwieser e por Max Rüeegger. Durante a guerra, com o receio de falar o proibido alemão, os grupos se dividiram em pequenos círculos de estudo. [...].¹⁶

Na entrevista com Lavínia Abranches Viotti, realizada em 30 de abril de 1996, em sua residência, ela lembrou ambos os fatos, e a maneira como o seu ingresso na *Sociedade Antroposófica* no Brasil colaborou para a separação judicial em seu casamento com o compositor Camargo Guarnieri. Segundo ela,

¹⁴Vide CARLINI, Álvaro. Apóstolos de J.S.Bach em São Paulo IN *Revista ARTEunesp*, São Paulo, 13:119-132, 1997.

¹⁵ cf. *Sociedade Antroposófica no Brasil*, Disponível em <http://www.sab.org.br/antrop/antrop.htm>. Acesso: 29 de outubro de 2006.

¹⁶ cf. *Sociedade Antroposófica no Brasil*, Disponível em <http://www.sab.org.br/antrop/histbras.htm>. Acesso: 29 de outubro de 2006.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

[...] Quando eu tinha 21 anos eu me casei com Camargo Guarneri, e foi por intermédio dele que eu fiz amizade com o casal [Martin e Tatiana] Braunwieser. Eles eram amigos, e um dia o meu marido me disse: você quer uma visita - e não apenas uma visita - em uma sociedade de ocultismo dirigida pela Tatiana Braunwieser? Chama-se Antroposofia. Fui na reunião e a partir daquela data [em 1929] passei a integrar a Sociedade Antroposófica. Pertença, ainda hoje, ao grupo alemão instalador da Antroposofia no Brasil, que é ainda hoje atuante.

E o maestro Guarneri? Também era antropósofo?

Não. Ele não foi assistir àquela reunião, fui somente eu, e depois ficou com raiva da Antroposofia porque achou que foi por essa razão que eu me separei dele. [...] ¹⁷

Estão, portanto, para serem melhor investigados assuntos relacionados ao processo de estabelecimento da *Sociedade Antroposófica* no Brasil e, principalmente, relacionados à participação de músicos profissionais nesse processo, tanto os de origem estrangeira quanto os brasileiros natos, possibilitando, assim, nova frente de investigação acadêmica para a área de Musicologia Histórica.

2.2 Entrevista com Hans-Joachim Koellreutter

Outros assuntos que merecem atenção, surgidos em entrevista também realizada durante o meu doutoramento, foram aqueles abordados secundariamente com o compositor Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), no dia 22 de abril de 1996, em sua residência em São Paulo.

Naquela ocasião, procurei coletar informações complementares relacionadas ao seu conhecimento e amizade com o maestro Martin Braunwieser que, como ele, possuía origem germânica. Além disso, ambos tiveram como instrumento musical de formação a flauta transversal - Martin Braunwieser, no *Mozarteum* de Salzburgo; Koellreutter, na *Academia Superior de Música* de Berlim - para depois atuarem profissionalmente como maestros, professores e compositores. Apesar desses indícios, contrariamente à minha expectativa, Martin Braunwieser e Hans-Joachim Koellreutter mantiveram apenas e tão somente relações profissionais, particularmente, relacionadas ao ano da chegada de Hans-Joachim Koellreutter ao Brasil, em meados de 1937. É importante ressaltar que, antes de transferir-se para o Rio de Janeiro, em 1938, Hans-Joachim Koellreutter buscou estabelecer moradia em São Paulo, e foi nesse período que o contato entre ambos os músicos se estabeleceu. Ainda em 1937, Martin Braunwieser convidou-o para executar como flautista, junto com a orquestra da *Sociedade Bach de São Paulo*, a suíte orquestral nº2, BWV 1067, de J.S.Bach, além das sonatas para flauta solo. ¹⁸

No entanto, apesar de não obter respostas positivas para os objetivos de minha pesquisa acadêmica de então, considerando-se a escassa relação profissional mantida por Braunwieser e Koellreutter e a ausência de contato pessoal mais íntimo, foi no decorrer daquela entrevista

¹⁷ Entrevista com Lavinia Abranches Viotti concedida a Álvaro Carlini, registrada em áudio, realizada em 30 de abril de 1996. Transcrição do autor em agosto de 2006.

¹⁸ cf. CARLINI, Álvaro. Apóstolos de J.S.Bach em São Paulo In: *Revista ARTEunesp*, São Paulo (SP), 13:119-132, 1997.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

que ele forneceu informações secundárias significantes, particularmente, referindo-se ao período em que passou detido nas dependências do extinto DOPS (*Departamento de Ordem Política e Social*), em meados dos anos de 1940, acusado de ter relações políticas de esquerda com o musicólogo Francisco Curt Lange (1903-1998), e de pertencer ao Partido Comunista.

[...] Fui preso por causa do [Curt] Lange, e preso aqui na Imigração, na prisão da Estação da Luz, no DOPS [Delegacia de Ordem Social e Política em São Paulo]. E lá eu estive então em contato com os alemães [que estavam aqui no Brasil], mas não um contato de verdade: eles estiveram comigo no mesmo lugar. E no DOPS foi difícil, pois eles não me deram coisas para comer, etc., etc., mas eu estive realmente na prisão junto com um judeu - comerciante e já não vive mais - e com um comunista que desertou de um navio alemão em Recife, [Pernambuco]. Nós três juntos e em outras celas cerca de trinta, quarenta outros presos. E esses nem queriam saber nem do judeu, nem do comunista, nem de mim. [...].¹⁹

Hans Joachim Koellreutter reagiu negativamente a algumas das idéias de condução da minha pesquisa acadêmica de doutorado apresentadas a ele durante aquela entrevista de 1996. Essas idéias referiram-se à proposta de estabelecer em meu trabalho o que seria denominado por ‘triade germânica da música brasileira’. Esta ‘triade’ seria constituída por Curt Lange, na nota fundamental, com seus estudos relacionados ao passado musical brasileiro; por Martin Braunwieser, na 3^a desta triade, com seu trabalho pedagógico e musical estreitamente ligado ao seu presente e às propostas de Mário de Andrade; e por ele mesmo, Hans-Joachim Koellreuter, situado na 5^a desta ‘triade’, como o introdutor do pensamento musical dodecafônico no Brasil. Discordando francamente de minha proposta, não aceitando a indicação de responsável pelo início do pensamento e da produção artística de obras de vanguarda no Brasil, Koellreuter afirmou que havia sido estimulado e conduzido à nova proposta musical pelo compositor brasileiro Cláudio Santoro (1919-1989):

(...) Mas eu cheguei ao Brasil sabendo compôr apenas em Lá menor ou Dó Maior. Eu fui levado pelo Cláudio Santoro para o dodecafonismo. Levado de fato, realmente, já que eu conhecia as novas teorias devido à minha formação, mas eu não as praticava. Aqui, existem muitos mitos em torno das minhas atividades musicais no Brasil que não conferem (...)²⁰

Contrariando dessa maneira o posto de ‘introdutor do pensamento dodecafônico do Brasil’, Koellreutter alertou para a importância da figura de Cláudio Santoro para a cultura brasileira, redispando as informações freqüentemente reiteradas pelos musicólogos no Brasil, em artigos e demais trabalhos até mesmo de caráter científico e acadêmico, relacionado às suas participações políticas, pedagógicas e artísticas em solo brasileiro. Esses trechos da

¹⁹Entrevista com Hans-Joachim Koellreutter concedida a Álvaro Carlini, registrada em áudio, realizada em 22 de abril de 1996. Transcrição do autor em agosto de 2006.

²⁰Entrevista com Hans-Joachim Koellreutter concedida a Álvaro Carlini, registrada em áudio, realizada em 22 de abril de 1996. Transcrição do autor em agosto de 2006.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

entrevista realizada com Koellreuter são reveladores de áreas ainda não investigadas da Musicologia Histórica e mereceriam pesquisas mais aprofundadas.

2.3 Entrevista com João Dias Carrasqueira e Rina Calzavara Kipman

O último aspecto temático a ser considerado neste artigo, como proposta de ampliação de estudos específicos em Musicologia Histórica no Brasil, surgido nessa fase de doutoramento, apareceu durante as entrevistas realizadas com o flautista João Dias Carrasqueira (1908-2000) e com Rina Calzavara Kipman (1903-2002), cunhada de Martin Braunwieser, referindo-se às orquestras que atuavam em salas de cinema, nesses casos, na capital paulistana e no município de Bragança Paulista, no período anterior aos anos de 1930, em que os filmes eram silenciosos e acompanhados por música durante a projeção.

Na entrevista com João Dias Carrasqueira, flautista e compositor paulista, nascido em Paranapiacaba (SP), conhecido como ‘o canarinho da Lapa’,²¹ ficou-se sabendo de seu contato profissional e pessoal com Martin Braunwieser, logo nos anos iniciais do estabelecimento definitivo do músico austríaco em território brasileiro, em meados da década de 1920. Em fins de 1928, Martin Braunwieser e sua esposa Tatiana buscaram fixar residência na capital paulistana. Como um de seus primeiros empregos em São Paulo, Martin Braunwieser tocou flauta em orquestras de cinema, ocasião em que travou conhecimento com João Dias Carrasqueira:

[...] Eu gostava muito de flauta, e aqui em São Paulo eu conheci o Braunwieser, na década de [19]20, por volta de [19]25, por aí. Porque os músicos tinham um campo de trabalho muito grande, que era o cinema mudo. Todo o cinema se esmerava em ter uma boa orquestra. Eu conheci o Martin Braunwieser naquele tempo. Os cinemas [com orquestra] acabaram em 1929, em São Paulo; o último cinema foi o Royal, que ficava na rua Sebastião Pereira. Eu fui um dos que tocou lá, era moço ainda [...]

Na orquestra do cinema, o senhor acompanhava as imagens na tela ou tocava música antes de as pessoas assistirem o filme?

Tinha o chefe da orquestra, que geralmente era o pianista, e era ele que assistia e sincronizava o som com a imagem. Então tinha lá uma cena em que o sujeito caía de uma carroça, ele dizia qual instrumento; se tinha uma cena triste no filme era um violino que fazia um solo, por exemplo, para a ‘choradeira’. E ainda havia muita música adaptada para pequena orquestra. Era uma pequena orquestra, com um mínimo de seis figuras: um piano, dois violinos, sax-alto, clarinete, flauta e contrabaixo. Depois apareceu o violoncello, o oboé - muito raro, o fagote - muito raro também, quase não havia. Era mesmo cordas flauta e clarinete. [...]²²

²¹ Vide site da *Associação Brasileira de Flautistas* para obter mais informações sobre João Dias Carrasqueira, disponível em <http://www.geocities.com/Vienna/Strasse/1412>. Acesso: 31 de outubro de 2006.

²² Entrevista com João Dias Carrasqueira concedida a Álvaro Carlini, registrada em áudio, realizada em 13 de maio de 1996. Transcrição do autor em agosto de 2006.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

Esta informação passada por João Dias Carrasqueira em sua entrevista, relacionada à constituição instrumental e atuação das orquestras em salas de cinema mudo, foi reiterada na conversa que tive com Rina Calzavara Kipman, em 5 de setembro de 1996, embora com algumas variações de conteúdo, talvez devido ao fato de se tratar de cinemas localizados em cidades diferenciadas: São Paulo e Bragança Paulista, município próximo à capital paulistana. Esposa de Demétrio Kipman (1905-1977),²³ cunhado de Martin Braunwieser, Rina Calzavara Kipman relatou os anos iniciais de seu relacionamento com o maestro Kipman, de seu estabelecimento definitivo no município de Bragança Paulista e da troca de emprego efetuada pelo músico que, além dessa profissão, era formado também em engenharia, em curso realizado em sua terra natal, Moscou, Rússia:

O Demétrio [Kipman] chegou em Bragança [Paulista, São Paulo] em 1926, não é isso?

Sim

E como foi que a senhora foi atrás dele para ter aulas? Como foi que a senhora ficou sabendo da sua presença na cidade?

Eu já tinha recebido aulas de piano com um professor que, infelizmente, faleceu. Aí, quando o [Demétrio] chegou, o meu irmão tocava na orquestra de cinema mudo, como era naquele tempo. E todos os cinemas mudo tinham a sua orquestra. E então, estavam precisando de um pianista. E aí o Demétrio foi. Souberam através de um afinador de piano que havia um bom pianista russo na cidade e ele foi contratado. E o Demétrio era engenheiro também, trabalhava na estrada de Santos, [São Paulo], ganhando \$350 mil-réis; agora, já o dono do cinema oferecia \$500 mil-réis só para ele tocar de noite. Ele, claro, achou melhor. Aí ele veio para cá [Bragança Paulista] e já começou a arranjar alunos. E como meu irmão tocava na orquestra de cinema que ele regia, conversou com ele para vir em casa para dar aulas particulares para mim.

E seu irmão tocava qual instrumento?

Violino.

E era uma orquestra constituída por quantas pessoas?

No começo eram umas quinze pessoas. Violinos tinham uns cinco, e ainda outros instrumentos. [...] ²⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somente esses elementos seriam suficientes para a defesa enfática da utilização mais sistemática e freqüente dos métodos de pesquisa qualitativa em estudos/ensaios relacionados à Musicologia Histórica no Brasil, já que os assuntos abordados pelos entrevistados aqui

²³ Vide sobre a vida e obra de Demétrio Kipman, o sítio da *Sociedade Sinfônica Amadores da Arte Musical*, de Bragança Paulista (SP), disponível em <http://www.osbp.org.br/historia.htm>. Acesso: 31 de outubro de 2006; vide também sítio de *Sérgio Igor Chnee*, disponível em <http://www.sergioigor.art.br/festival.htm>. Acesso: 31 de outubro de 2006.

²⁴ Entrevista com Rina Calzavara Kipman concedida a Álvaro Carlini, registrada em áudio, realizada em 5 de setembro de 1996. Transcrição do autor em agosto de 2006.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 129-141, jan./dez. 2007

apresentados não figuram, de maneira específica, em nenhum estudo acadêmico recentemente publicado.

Em Curitiba, Paraná, em novas pesquisas relacionadas às entidades civis sem fins lucrativos vinculadas à Música atuantes na capital e Estado do Paraná durante o século XX, como foram os casos da *Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê* (SCABI, 1944-1976) e da *Juventude Musical Brasileira*, 8ª seção: Paraná/Santa Catarina (JMB, 1953-1963), já foram entrevistados nesse sentido, a pianista Ingrid Seraphim e o pianista Luiz Fernando Corrêa de Azevedo, sobrinho de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, filho de Fernando Corrêa de Azevedo, constatou-se, novamente, a presença de informações primárias e secundárias que viabilizarão estudos acadêmicos que possibilitem a compreensão polissêmica de aspectos do universos cultural e musical brasileiros ainda ignorados.

ABSTRACT: *The author discusses information from interviews he carried on from 1990 through 2000, which improved the understanding of Brazilian music history in the twentieth century. This article explores some excerpts of those still unknown interviews, currently reconsidered in their historical importance regarding (i) Jose Bento Faria Ferraz (1912-2005) - private secretary of Mário de Andrade; (ii) data on presence of professional musicians in the implantation of Brazilian Anthroposophical movement; and (iii) pieces of information related to performances of professional orchestras and also to musicians performances in São Paulo, during the silent movie age. In this way, this article intended to collaborate with the study of some areas of Historical Musicology, promoting the enlargement of academic approaches in this area.*

KEYWORDS: *Interviews (qualitative research); Historical Musicology; Brazilian twentieth century music.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, São Paulo, Martins, 1963. (Obras Completas de Mário de Andrade, v.16)

_____. Padre Jesuíno do Monte Carmelo, *In: Revista do IPHAN*, n. 14, ed. MES, Rio do Janeiro, 1944.

ALVARENGA, Oneyda. Sonora política *In: Revista do Arquivo Municipal*, v. 56, Ano XII, jan.1946. pp.7-44.

BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, Petrópolis: Vozes, 2002.

CARLINI, Álvaro. Apóstolos de J.S.Bach em São Paulo *In: Revista ARTEunesp*, São Paulo, 13:119-132, 1997.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p.129-141, jan./dez. 2007

_____. *A viagem na viagem: maestro Martin Braunwieser na Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura de São Paulo (1938) - diário e correspondências à família*. São Paulo, 2000. 511p. (Tese de Doutorado. FFLCH / USP).

_____. *Cante lá que gravam cá: Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938*. São Paulo, 1994. [Dissertação - Mestrado - FFLCH / USP]. 467p.

_____. *Sessenta anos da Missão de Pesquisas Folclóricas (1938-1998): conversas com Martin Braunwieser*, IN *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Musicologia*, 21-25 janeiro 1998, Curitiba (PR): Fundação Cultural de Curitiba, 1999. pp.333-348.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*, São Paulo: T.A.Queiroz, 1991. (Biblioteca Básica de Ciências Sociais, 2. v.7).

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Álvaro Carlini, <http://www.alvarocarlini.pop.com.br>. Acesso em outubro de 2006.

Associação Brasileira de Flautistas sobre João Dias Carrasqueira, <http://www.geocities.com/Vienna/Strasse/1412/>. Acesso em outubro de 2006.

Sérgio Igor Chnee, <http://www.sergioigor.art.br>. Acesso em outubro de 2006.

Sociedade Antroposófica no Brasil, <http://www.sab.org.br/antrop/antrop.htm>. Acesso em outubro de 2006